

O rádio na educação como instrumento de cidadania: tecendo olhares sobre a Rádio Alto Piranhas em Cajazeiras-PB

Radio in education as an instrument of citizenship: building looks on the Radio Alto Piranhas in Cajazeiras-PB

Fagno Dallino Rolim¹, Jacqueline Pires Gonçalves Lustosa², Josias da Silva Fonseca³, Allijangela Costa Pereira Rolim⁴

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo fazer uma homenagem a uma das emissoras de rádio que teve uma importante participação na educação do município de Cajazeiras, no Estado da Paraíba, tornando-a conhecida em todo o Estado como a Terra da Cultura, contribuindo para a detenção do título “A Terra que ensinou a Paraíba ler”. Falamos aqui da Rádio Alto Piranhas que apresenta uma fascinante história desde o momento em que foi criada, e hoje, continua deslançando uma programação impecável, conduzindo aos lares muita informação, notícias, orações e educação. Neste contexto, o objetivo desta monografia é aludir a importância do rádio para a educação e a sua inserção no contexto escolar, com ênfase a Rádio Alto Piranhas, uma rádio surgida sobre o berço da educação, que teve como primeiro diretor e fundador o então Bispo Diocesano D. Zacarias Rolim de Moura. A metodologia adotada corresponde a uma revisão bibliográfica por meio de fichamento e leitura de textos, artigos e periódicos dispostos em livros e nos meios eletrônicos através dos sites de busca, como Lilacs, Scielo, Google, dentre outros. O rádio surge como uma ferramenta interativa para tentar amenizar a solidão dos grupos excluídos e incentivar a participação e inclusão dos mesmos no universo dos saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Educação. Formação. Rádio.

ABSTRACT: This paper aims to make a tribute to one of the radio stations that played an important part in educating the city of Cajazeiras, Paraíba State, making it known throughout the state as the Land of Culture, helping to arrest the title "The Land that taught Paraíba read." We speak here of Radio Alto Piranhas which presents a fascinating story from the moment it was created, and today, still sparking a flawless programming, leading to homes much information, news, prayer and education. In this context, the objective of this monograph is to allude to the importance of radio for education and its inclusion in the school context, with emphasis on Radio Alto Piranhas, a radio emerged over the cradle of education, which had as its first director and founder of the then Diocesan Bishop D. Zacarias Rolim de Moura. The methodology used corresponds to a review by fingerprinting and books, articles and periodicals arranged in books and electronic media through search engines such as Lilacs, SciELO, Google, among others. The radio comes as an interactive tool to try to alleviate the loneliness of excluded groups and encourage participation and inclusion in the same universe of knowledge.

KEY-WORDS: Communication. Education. Training. Radio.

*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 20/02/2015; aprovado em 05/06/2015

¹Administrador - Centro de Formação de Professores - Universidade Federal de Campina Grande-Campus de Cajazeiras. Professor do Curso de Bacharelado em Administração de Empresas da Faculdade Santa Maria – FSM - Cajazeiras/PB. E-mail: dallino@hotmail.com.

² Professora da Unidade Acadêmica de Geografia - UNAGEO, Centro de Formação de Professores - CFP, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus de Cajazeiras - PB. Email: jacque.gaya@gmail.com.

³Professor titular dos cursos de Administração, Serviço Social e Medicina, pela Faculdade Santa Maria, FSM, Cajazeiras-PB, E-mail: josiasmiranda1958@hotmail.com

⁴Professora da disciplina de História na EMEIEF Vicente Felizardo, no Distrito de Felizardo Vieira, Ipaumirim-CE. E-mail: allizangela_costa_pereira@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da existência o homem busca se socializar e interagir com os outros seres. Comunicar é essencial para que o indivíduo consiga expressar seus desejos, tristezas e alegrias. O homem evoluiu junto com a comunicação, porém esse processo de socialização apresentou alguns pontos negativos, como a divisão de classes. A desigualdade é o primeiro passo para a exclusão que desencadeia o isolamento do sujeito na sociedade.

Os meios de comunicação, além de levarem a informação para as pessoas, exercem um poder de influência na vida social capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais consciente, isso se o trabalho jornalístico-comunicativo for fundamentado com base na responsabilidade social. O rádio, segundo pesquisa realizada em 1996 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), é o veículo de comunicação mais presente nos lares brasileiros.

Essa audiência ampla se dá devido a linguagem facilitadora, a capacidade do rádio de ser entendido por um público muito diversificado, por não exigir do ouvinte um conhecimento especializado para a decodificação e a recepção nas condições mais diversas; e ao imediatismo, por disponibilizar os fatos no momento em que eles acontecem.

O veículo é o meio de mensagem mais extenso, ágil e barato com que conta a sociedade atual. Conforme Emílio Prado (1985), a mobilidade da radiodifusão relacionada ao imediatismo não se compara aos outros meios de comunicação, por isso que a notícia veiculada pelo rádio é a primeira. A simultaneidade e instantaneidade permitem que a mensagem seja transmitida ao vivo do palco dos acontecimentos e seja abrangente, sem fronteiras. É considerado o meio de maior interação, pois cede espaço ao ouvinte para participar da programação, pedindo música, emitindo opinião ou prestando alguma informação.

O rádio tem duas características essenciais: brevidade e simplicidade. A clareza extensiva a outros meios jornalísticos é a principal característica da redação radiofônica, porque responde ao que Núñez Ladeveze (apud PRADO, 1985, p. 31) denomina “funções jornalísticas da comunicação: rapidez de leitura, mínimo esforço de interpretação e máxima concentração informativa”.

O rádio estimula a criatividade e imaginação do receptor ao fazê-lo criar mentalmente a imagem visual transmitida pela imagem acústica. Outro fator de eficácia é a compreensibilidade da mensagem informativa. Essa modalidade de comunicação abrange um público anônimo e heterogêneo, composto pelos diversos escalões socioculturais e, conseqüentemente, com diferentes níveis eficazes de compreensão, pessoas com anseios e necessidades diversas, independente de cor, classe social ou grau de escolaridade.

Para Roquette Pinto, pai do rádio no Brasil (apud FERRARETO, 2001, p. 97), “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas

esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e elevado”.

Essas características diferem este sistema de distribuição de informação massiva dos outros meios de comunicação e contribuem para fazer do rádio um dos melhores e mais eficazes meio a serviço da transmissão de fatos atuais.

Devido à porcentagem elevada de analfabetos existente nos países subdesenvolvidos, o rádio exerce um papel de maior relevância nessas localidades. Este papel torna-se ainda mais importante nas sociedades mais desenvolvidas, nas quais a falta de tempo obriga as pessoas que desejam manter-se atualizadas a procurar a informação ou distração no meio radiofônico.

Esta monografia tem como justificativa a importância de se falar do rádio não somente como mero instrumento de comunicação, mas pela sua magnitude nesse processo de comunicação e por este representar um veículo significativo se inserido dentro do contexto educacional. Assim a elaboração deste trabalho se faz importante devido à constatação de que o rádio-escola pode ser um verdadeiro mediador do processo ensino-aprendizagem e viável na construção de cidadãos conscientes, críticos e reflexivos.

A HISTÓRIA DO RÁDIO

Nasce o Rádio

A radiodifusão, em si mesma, não foi, uma descoberta mas um desdobramento, um novo campo da aplicação da rádio-eletricidade. Para seu desenvolvimento contribuíram cientistas e técnicos de muitos países com seus estudos sobre eletromagnetismo a partir do final do século XIX. Na época, já existiam dois meios de comunicação rápida à longa distância: o telégrafo e o telefone, que enviavam sinais através de fios do rádio, que transmitia suas mensagens através do ar, revolucionando, portanto, as comunicações.

Na Rússia Aleksandr Stepanovich Popov e, no Reino Unido Sir Heury Bradwardine Jackson e Sir Oliver Joseph Lodge conseguiram, em 1895 e 1896, transmitir sinais a pequenas distâncias. Coube, entretanto ao italiano Guglielmo Marconi registrar em junho de 1896, em Londres, a primeira patente de um sistema de rádio-comunicação, inventado com base em pesquisas anteriores de Michel Faraday, James Maxuel, Heinrich Rudolf Hertz e outros.

Na virada do século XX, duas invenções vieram dar novo impulso à radiodifusão: o emissor capaz de produzir uma onda regular e contínua, com a transmissão, embora precaríssima, de música e voz humana; e a válvula radioelétrica, graças a qual foi possível melhorar a reprodução dos matizes do som transmitido.

Começaram a partir de então as emissões radiofônicas. Em 1908, Lee De Forest realizou, do alto da Torre Eiffel, uma emissão ouvida nos postos militares da região e até por um técnico em Marselha. Um ano depois a voz do tenor Enrico Caruso era transmitida do Metropolitan Opera House. Em 1916, De Forest, instalou uma estação emissora experimental em Nova York. Com

o fim da Primeira Guerra Mundial, a radiofonia progrediu rapidamente.

A fase experimental encerrou-se com a instalação em novembro de 1919 de uma emissora de rádio regular em Rotterdam, Países Baixos. No ano seguinte, inaugurou-se a primeira radiodifusora comercial, em Pittsburgh, Estados Unidos, com prefixo KDKA. As estações geradoras começaram a transmitir programas musicais e o interesse do público pelos aparelhos receptores aumentou consideravelmente.

Na década de 1920, vários países montaram estações de emissão regular: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Reino Unido, França, Itália, Japão, Noruega, Suíça, Tchecoslováquia e União Soviética. No início da Segunda Guerra Mundial, já havia 675 emissoras em funcionamento.

A proliferação de emissoras nos Estados Unidos fez surgir um problema inesperado: as ondas se misturavam no ar, interferindo uma nas outras. O espectro começava a ficar superlotado. Tornou-se necessário regulamentar, pelo Departamento do Comércio, as frequências das emissoras de rádio, mediante o exame de qualificação de cada uma. Também passaram a serem determinados os horários em que as estações podiam operar. Houve contestação, e o caso foi parar em 1924 nos tribunais, que decidiram contra os poderes do Departamento do Comércio. Criou-se então uma Comissão Federal de radiocomunicação, a qual foram transferidas as atribuições antes negadas ao Departamento do Comércio.

Em 1948, com base nas propriedades do germânio e do silício, materiais semicondutores, os americanos John Bardeen, Walter House, Brattain e Willian Bradjord Shockley inventaram o transmissor. Seu aparecimento provocou uma verdadeira revolução na radiodifusão, pois levou às regiões mais remotas os portáteis “rádios de pilha”. O rádio por seu maior alcance, passou a substituir os jornais como meio de veiculação de notícias, principalmente em países de grande território e população dispersa.

A Década de Ouro

E assim preparado, o rádio entra nos anos 40, a chamada “Época de Ouro no rádio brasileiro”. Cada vez mais as emissoras começam a sentir a concorrência existente entre elas.

Em março de 1940, o governo de Getúlio Vargas assumiu o controle da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A partir de então, a programação radiofônica passou por profundas transformações. Um exemplo disso é que os artistas apenas por apresentação, ganharam o direito de ter contrato assinado, com salário fixo. Alguns eram exclusivos da Rádio, e só podiam se apresentar em outros lugares com a autorização da emissora.

Com a ajuda do governo federal e da verba que recebia pelos anúncios, a Nacional chegou ao posto de maior emissora do país. Programas musicais, de auditório, humorísticos, radionovelas e jornalísticos invadiram os lares de milhares de brasileiros definitivamente conquistados pela magia do rádio.

Nos anos 40, emissoras comerciais, como a Record de São Paulo, a Gaúcha de Porto Alegre, a Tabajara de João Pessoa, a Difusora de Maceió, a Tupy e a Mayrink Veiga do Rio de Janeiro, também tinham grande audiência.

Nos musicais, a Rádio Nacional consagrou cantores como Francisco Alves (o Rei da Voz), Orlando Silva (o Rei do Rádio), Carmélia Alves (a Rainha do Baião), Ademilde Fonseca (a Rainha do Chorinho) e Emilinha Borba (a Favorita da Marinha), que durante anos disputou com Marlene e Dalva de Oliveira a glória de ser coroada a Rainha do Rádio.

Programas de auditório, como os de Paulo Gracindo e César de Alencar, lotavam os estúdios da emissora (que ficavam em um prédio na Praça Mauá, ao lado do porto do Rio de Janeiro) e lançaram a figura das “macacas de auditório”, que faziam parte da platéia da Rádio Nacional. Com o sucesso, as filas para assistir aos programas ficaram tão grandes que a entrada deixou de ser grátis.

Entre os programas humorísticos, os de maior sucesso em âmbito nacional foram: PRK-30-Comédias que imitavam os principais programas nacionais; Jararaca e Ratinho, dupla caipira que cantava com humor os acontecimentos e as figuras de destaque da política brasileira; Balança mais não cai, programa com grande elenco de cantores e radiadores que interpretavam histórias engraçadas, como as da dupla “Primo Pobre e Primo Rico” (que logo depois seria levado para a televisão).

A apresentação das radionovelas era outro ponto que encantaram os ouvintes da Nacional. A primeira foi em Busca da Felicidade, que ficou no ar quase dois anos, entre junho de 1941 e maio de 1943. A escritora Janete Clair, que mais tarde ficaria famosa pelas novelas que escreveu para a TV Globo, começou sua carreira na Nacional.

Devido o sucesso as radionovelas passam a fazer parte da programação da maioria das emissoras da época e dos anos seguintes. Em 1945, só a própria Rádio Nacional transmitia 14 novelas diariamente.

As radionovelas exigiram melhorias no desenvolvimento de uma técnica muito importante para o rádio: a sonoplastia, imitação artificial de som real. A sonoplastia servia para ajudar o ouvinte a imaginar cada cena da novela, criando climas de romance, de terror, de suspense, etc. Ainda nesse período algumas emissoras começam a especializar-se em determinados campos de atividade. A partir de 1947, a Rádio Panamericana começa a se especializar e pouco tempo depois se transformou na “Emissora dos Esportes”, alcançando liderança de audiência. Nos anos 50, em São Paulo, havia uma disputa entre a Panamericana e a Bandeirantes, com sucessiva alternância na preferência popular.

O locutor Nicolau Tuma é considerado o pioneiro em transmissão esportiva, ele narrou a primeira partida de futebol que o rádio transmitiu em 10 de fevereiro de 1932. Já em 1938, outro locutor brasileiro – Gagliano Neto – transmitia, diretamente da França, os Jogos da Copa do Mundo.

O rádio seguiu uma trajetória ascendente, atingindo enormes índices de audiência entre o final dos anos 1940 e um pouco depois da metade dos anos 1950. O

marco final dessa era está relacionado ao fato de que, em fins década de 1950, a televisão passou a ocupar um papel destacado, absorvendo uma boa parcela das verbas publicitárias e dos ouvintes, o que de certa forma acelerou um processo, que já vinha ocorrendo, da mudança significativa do perfil do rádio, ou melhor, do conteúdo veiculado pelas emissoras. O rádio, aqui, é pensado enquanto um veículo de comunicação de massa que tanto constrói quanto explicita práticas culturais. Este meio criou/veiculou códigos de comportamento social.

Assim sendo, apresenta-se como um "espaço" especial de onde se pode partir para melhor entender a configuração da própria sociedade na qual este se encontrava inserido. É de fundamental importância o resgate do papel desempenhado pelo rádio na conformação de uma sociedade urbano-industrial, em contraposição a uma dita "tradição agrária", na consolidação de uma sociedade de consumo no Brasil, na segunda metade do século XX.

O rádio acompanhava de perto os acontecimentos do dia-a-dia do país, transmitia informações de diversas partes do mundo, "levava a cidade ao campo", participava da formação de novas gerações. Para muitos ele significava o único elo, a única possibilidade de contato com as transformações que ocorriam para além das fronteiras de seu pequeno universo. Um exemplo da presença marcante desse meio quanto a este último aspecto, pode ser encontrado no depoimento do fotógrafo Sebastião Salgado:

Nasci em uma cidade do interior de Minas chamada Aimorés, no Vale do Rio Doce, que ainda mantém a população de 10 mil habitantes daqueles tempos. Aimorés era uma cidade em que a comunicação com o resto do mundo era feita através do rádio. Fazíamos uma idéia do resto do mundo muito romântica. Isto dava liberdade à nossa imaginação.

Ao começar a se pensar na estrutura e presença radiofônica dos anos de 1945 a 1960, surgem perguntas do tipo: Como se estruturou o rádio da segunda metade dos anos 1940, do pós-guerra? Que tipo de programação tem o rádio que formou essa nova geração? Qual era o conteúdo veiculado? Qual o perfil de consumidor criado pelo rádio? Podemos detectar a penetração das multinacionais na economia e sociedade brasileiras através dos patrocínios radiofônicos? Como os produtos/empresas utilizam o rádio enquanto meio criador de demandas de consumo? Teria o rádio contribuído para a formação do ideal de um país industrial? Como o rádio se integra na política nacionalista de Vargas? Qual o papel do rádio na crise de meados dos anos 50? Como se comportou o rádio em meio as disputas político-partidárias? Qual a posição ocupada pela produção radiofônica no debate relativo às funções da cultura? Formavam as radionovelas uma espécie de trilogia popular junto às Chanchadas e ao Teatro de Revista? Como é o mundo ficcional dos "anos dourados"? Qual o perfil familiar construído pelo universo ficcional radiofônico nesses quase vinte anos? As demandas sociais também estão presentes no universo da produção radiofônica? Isso só para fazer um rápido apanhado das possíveis questões que podem nortear um trabalho investigativo sobre a "Era do rádio".

Até a década de 1970, o surgimento, a expansão e as diversas formas de penetração dos meios de

comunicação, não atraíram a atenção dos historiadores – nem como fonte, nem como objeto de estudo. Predominava no meio acadêmico, entre as correntes historiográficas, aquela que se voltava para o documento escrito e "oficial" como a única fonte confiável. Entretanto os alicerces desta imensa construção eram minados por novos movimentos. Sua posição era ameaçada pelo surgimento e consolidação de novas disciplinas concorrentes no campo das Ciências Sociais. O movimento dos Annales teve, nesse contexto, um papel fundamental.

Segundo Peter Burke, numa primeira fase, entre os anos 1920 e 1940, tal movimento "caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a históriapolítica e a história dos eventos". Vai desenvolvendo-se uma história nova que, segundo Jacques Lê Goff, alargou o campo das fontes, transformando filmes, fotografias, depoimentos, estatísticas, vestígios arqueológicos, além dos escritos de toda espécie, em documentos históricos de maior valor. Desde então, o estudo dos diversos meios de comunicação vem sendo, gradativamente, incorporado ao universo dos historiadores. A imprensa escrita já ocupa um lugar privilegiado entre estes, seguida pelo cinema. Mais recentemente, a televisão também começou a ser objeto de alguns trabalhos.

Mapear o papel cumprido pelo rádio é de certa maneira uma tarefa complexa. No campo específico da produção cultural, segundo Hobsbawm, torna-se de certa forma, um pouco difícil reconhecer as inovações culturais trazidas pelo rádio, pois: "muito daquilo que ele iniciou tornouse parte da vida diária". O rádio inovou ao mesmo tempo em que absorveu e adaptou outras formas de arte já existentes. Longe de pretender fazer do rádio um de seus principais objetos de pesquisa, o autor enumera várias das transformações impostas por este meio de comunicação, sinalizando para a abertura de novas frentes de estudo acerca do rádio e sua relação com as esferas públicas e privadas. Ao tratar da questão das artes na Era dos Extremos (como já o fez em outras partes de sua vasta obra), Hobsbawm sintoniza um dos "canais de pequena recepção" entre os historiadores, mas que graças à dedicação de alguns fiéis "ouvintes" vêm ganhando um maior espaço na "audiência historiográfica".

Como afirma Jean Tardieu em um estudo sobre as inúmeras potencialidades de trabalho oferecidas pelo rádio, a expressão rádio representa não uma realidade monolítica (uma arte ou uma técnica), mas uma incrível soma de operações científicas e culturais, individuais e coletivas, umas antigas, outras recentes, aglomeradas, fundidas em um todo dotado de vida e matéria. Tais operações entrelaçam aqueles que produzem com os que consomem, envolvendo, assim, uma parcela significativa da sociedade nesta complexidade. Segundo Tardieu, o estudo global do rádio deve ser dividido em alguns campos de pesquisa, ou melhor, observados a partir de quatro perspectivas. A primeira, do ponto de vista da criação e da organização, onde tanto o rádio como a televisão, por serem meios de "massa", não se restringe ao papel de instrumento de informação e diversão, mas exercem influência e pressão moral e social. A segunda, a partir da ótica do consumidor, que vê o rádio como um

fornecedor de "alimento intelectual", como um meio superficial de impregnação mental. A terceira, através do olhar do observador ou do historiador do futuro, pois os meios audiovisuais, como o rádio, integram uma estrutura que é o resultado da reunião de um grande número de técnicas artísticas e científicas.

Dentro de suas mensagens encontram-se sintetizadas toda a civilização e a cultura da qual fazem parte. E, em quarto lugar, do ponto de vista do próprio meio, de sua ambiguidade, complexidade e diversidade de elementos, principalmente os aspectos criativos (ou criadores) que produzem sempre coisas novas que se tornarão, rapidamente, ultrapassadas. Os pontos acima levantados demonstram a multiplicidade de abordagens que o estudo do rádio possibilita.

A questão da metodologia utilizada no tratamento dos mass media está presente em um pequeno artigo do professor e pesquisador Douglas Gomery¹² onde, além de mapear as tendências metodológicas, o autor apresenta um pequeno balanço dos estudos sobre a história do rádio, da televisão e da comunicação de massa nos Estados Unidos. Apesar de sintético, o artigo permite verificar o surgimento de novas preocupações nas pesquisas sobre os meios de comunicação e, conseqüentemente, da incorporação de diferentes abordagens (como a política e a social). Sem descartar a importância e a contribuição dos trabalhos que utilizaram os métodos de pesquisa de amostragem, o puramente biográfico ou o econômico, Gomery chama a atenção /para a crescente utilização do método cultural (que segue os modelos estabelecidos pela história de arte e pela crítica literária) e principalmente daquele por ele denomina social. Segundo o autor, o método social "eclipsa" a importância dos outros por fornecer uma série complexa de elementos que nos permite montar um panorama das mudanças sociais, do papel e do poder dos meios de comunicação dentro deste contexto de mudanças. Ou seja, o autor trabalha articulando a relação rádio-sociedade todo o tempo. A certeza da influência dos meios de comunicação sobre as pessoas no século XX tem levado os historiadores a se perguntar sobre o poder dos mesmos e a tentar responder as perguntas utilizando uma abordagem social.

O rádio nos anos 1940 e 1950

Segundo os estudos de Néstor Canclini, Martin-Barbero e Carlos Monsiváis "o rádio e o cinema contribuíram, na primeira metade deste século com a organização dos relatos da identidade e do sentido de cidadania nas sociedades nacionais". Para esses estudiosos os programas de rádio em especial "contribuíram para que grupos de diversas regiões de um mesmo país, antes afastados e desconectados, se reconhecessem como parte de uma totalidade". Em um país de dimensões continentais como o Brasil a função de integração social do rádio era ainda maior. As transmissões em ondas curtas aliadas à retransmissão de programas dos grandes centros para as cidades do interior criava referências culturais comuns a todo o país.

No Brasil dos anos 1940 e 1950, o rádio ocupava um papel social destacado. Esta "caixa maravilhosa" levava lazer e notícias a uma população que possuía altos

índices de analfabetismo - segundo dados oficiais, em 1960, o Brasil possuía um índice de 46,84% de analfabetos, sendo que nas zonas rurais este índice subia para 61,98% da população. Integrando localidades isoladas, criava uma sensação de proximidade, de identidade entre as pessoas das diversas regiões do país.

Para o historiador Nelson Werneck Sodré, o rádio foi um importante elemento de divulgação das diversas artes. A base inicial do rádio foi o futebol e a música popular, pois "desde que colocado em associação e a serviço dessas duas extraordinárias forças, o rádio cresceu e se expandiu depressa, cobrindo todo o território nacional e tornando-se instrumento especial para a universalização do gosto, dos costumes e até das paixões."

O rádio permitiu ainda, segundo o mesmo autor, "notoriedade e enriquecimento a elementos oriundos de camadas populares, muitos deles provindo mesmo do proletariado". Primeiro a partir do futebol e da música, depois das radionovelas, o rádio criou ídolos de dimensão nacional e também mercado consumidor para produtos diversos.

Já no final da década de 1930, a presença do rádio no cotidiano da sociedade brasileira vai sendo ampliada e se tornando mais evidente. Uma crônica publicada pela revista Carioca, explica como é escolhido lugar preferido de uma casa:

Atualmente, porém, o centro de uma residência é determinado pelo rádio. É este que indica qual o ponto de reunião. Se o rádio estiver na sala de visitas, ali também estarão os habitantes da casa. Muda-se o aparelho para a sala de jantar e tantos os moradores como as próprias visitas aí estarão ao seu redor. Sem o rádio ninguém mais passa. É por isso que todos se reúnem ao seu redor, pois é por causa dele que a sala em que ele se acha é o lugar preferido (REVISTA CARIOCA. 28/08/1937. p.46).

A presença do rádio passou a ser associada, cada vez mais, à alegria da casa. O aparelho transformou-se em uma presença quase que obrigatória no dia-a-dia das famílias, integrando a representação imagética do lar. No anúncio de um medicamento regularizador do intestino, o Jubol, publicado em dezembro de 1941, no jornal O Globo, em forma de desenho em quadrinhos, depois de utilizar o medicamento e resolver o problema de saúde a protagonista exclama: "a minha enxaqueca foi-se para sempre! O meu intestino está de fato jubolisado - que alegria." E ordena à empregada: "Liga o rádio!", recurso utilizado para reforçar o sentimento de alívio e de felicidade. A alegria e a distração das casas passam a ser trazidas pelas ondas do rádio e essa presença era reforçada no imaginário pela publicidade mesmo quando o produto à venda não era o próprio aparelho. Outro exemplo interessante dessa interferência do rádio na vida das pessoas em geral pode ser encontrado no protesto de um cronista que critica a "Influência dos microfones na vida ingênua das províncias".

Pois foi o rádio que operou a singularíssima revolução. Sob a sua influência cotidiana, permanente insidioso, a fisionomia local, formada através dos tempos,

marcando seus traços a custa de tantas tradições, (...) foi decompondo-se aos poucos, até descaracterizar-se por completo. Em Laranjeiras já se fala mais de Orlando Silva do que de Fausto Cardoso. Em Propriá e em Marrom as canções de reisado foram substituídas pelas sambas de Odete Amaral. As histórias que se contam nos alpendres do Ranhão deixaram de ser as do Zé do Vale e as de Nicolau Tolentino: são agora histórias do "Teatro pelos ares", enredos de novela...". (REVISTA DIRETRIZES, 1943. p.23.)

O rádio desempenhou diferentes papéis, em momentos históricos diversos, servindo desde como veículo de puro entretenimento (como comumente é utilizado) e até como lugar de resistência e de embates políticos. No Brasil, no campo da política, esteve presente na Revolução Constitucionalista de 32, na crise do governo Vargas de 1954 e na Campanha da Legalidade empreendida por Leonel Brizola em 1961. Durante as décadas de 1930 e 1940, em diversos países, verifica-se a sua presença marcante. São bem conhecidas as Conversas ao pé do fogo (programa de rádio) do presidente norte-americano Franklin Roosevelt, através das quais este informava à população dos Estados Unidos suas realizações; a utilização do rádio pelo ministro da propaganda alemão, Josef Goebels, para difundir, de forma eficiente, os ideais nazistas, ou ainda, a atuação do governo inglês através da British Broadcasting Corporation (BBC), irradiando, diariamente, para a Alemanha, programas de propaganda antinazista (em alemão) que tinham sua captação expressamente proibida pelo governo de Hitler. É ainda conhecido o fato de que Hitler se espelhou na experiência da URSS que utilizou largamente os meios de comunicação para a consolidação da Revolução de 1917. Em Sacralização da Política, Alcir Lenharo, ao analisar as estratégias utilizadas pelo governo para se aproximar das classes trabalhadoras, destaca a importância do rádio.

Dos dispositivos utilizados em larga escala, o rádio foi o principal deles pelo clima e pelo teor simbólico que alcançava entre emissores e receptores. (...) O rádiopermitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. (...) Efeitos sonoros de massa podiam atingir e estimular a imaginação os rádio-receptores, permitindo a integração, em variados tons entre emissor e ouvinte, para se atingir determinadas finalidades de participação política.

O potencial do rádio como meio eficaz de comunicação à distância passou a ser plenamente reconhecido. Genolino Amado, radialista e crítico de rádio, em um projeto destinado ao Presidente da República, enviado em setembro de 1942, chamava a atenção do governo para as diferenças dos potenciais do rádio e da imprensa escrita. Quanto ao problema da extensão geográfica do país, Genolino argumentava que:

Muito raramente um homem do interior do Amazonas ou de Goiás poderá ler um número do 'Correio da Manhã' ou de 'A Noite', que lhe chega atrasadíssimo e sem interesse. No entanto, esse mesmo homem pode ouvir em sua casa, sem perda de um minuto, o que é irradiado no Rio.

Concentrado em sessenta e poucas estações, o rádio conquistou um público talvez maior que o da imprensa, espalhada em mais de dois mil periódicos, devendo se notar que ainda em 1938 o número de aparelhos receptores já ia além de um milhão" (CARTA DE GENOLINO DIRIGIDA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. Rio de Janeiro, 02/09/1942).

O rádio ditava a moda, especialmente a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que durante grande parte da década de 50 se manteve como campeã de audiência, tanto na cidade do Rio de Janeiro como em outras partes do país.

"Conta-se que, certa vez, o major Menescal, que mais tarde se tornaria superintendente da Rádio Nacional, encontrou, numa fazenda de cacau do interior da Bahia, uma moça muito interessante e falante, com sotaque carioca. Perguntou: - Faz quanto tempo que a senhorita não vai ao Rio? Ela respondeu: - Nunca fui lá. - Não é possível, a senhorita fala como uma carioca! - Claro, a Rádio Nacional nos ensina a falar direitinho!" (NOSSO SÉCULO, vol 1. p.70)

Sempre houve uma espécie de relação de cumplicidade entre as emissoras de rádio e o público ouvinte na escolha da programação que deveria ser irradiada. Muitas emissoras estimulavam seus ouvintes para telefonar ou escrever para a rádio dando sua opinião sobre os programas apresentados. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro era uma delas. A emissora possuía um setor específico para computar a correspondência recebida. Segundo o publicado o Boletim de Programação, no ano de 1944, de janeiro a novembro, a emissora recebeu 184.288 cartas. A popularidade do rádio junto às camadas menos favorecidas chama a atenção dos cronistas da época. Nelson Rodrigues, em um artigo publicado na revista Diretrizes classificou o rádio como a "poesia do subúrbio". Segundo o cronista, no subúrbio:

A mulher, as filhas, que têm em casa uma permanência obrigatória de quase 24 horas por dia, são intransigentes. Ligam o aparelho às 6h, logo que irrompem as aulas de ginástica que ninguém faz. Assim no lar suburbano o rádio representa alguma coisa de sério, alguma coisa de tremenda e de insubstituível. O mundo doméstico já não pode prescindir das músicas, das peças, das vozes e, até, dos anúncios que circulam implacavelmente pelo éter. A poesia da vida vem às seis horas da manhã." (DIRETRIZES. 11/12/1941. P. 19)

Os exemplos da interferência do rádio no cotidiano são inúmeros, o que foi aqui apresentado teve como objetivo reforçar a idéia da necessidade de se conhecer com mais detalhes, de delimitar melhor a participação desse poderoso meio de comunicação de massa na formação da sociedade brasileira na segunda metade do século XX. Nos últimos dez anos vêm surgindo alguns trabalhos sobre as rádios regionais, sobre a presença e história dessas emissoras, realizado por

pesquisadores de diversas áreas e amantes de rádio. Também tem crescido dentro do campo dos estudos histórico a compreensão de que os estudos sobre o mundo contemporâneo não podem prescindir das questões ligadas a presença dos meios de comunicação de massa.

Funções do Rádio

Apesar do discurso ambientalista ser reconhecido e incorporado pelos setores sociais como tema de relevante interesse na atualidade, não vem conduzindo à mobilização permanente e ao envolvimento de amplas parcelas da população, a não ser em situações urgentes, concretas e específicas. Poucos são os indivíduos que conhecem entidades ambientalistas de base e mantêm contato ou se vinculam a elas. Geralmente, as organizações citadas pela população pertencem a um universo distante do ambientalismo e são lembradas, por dispor de maior visibilidade na mídia (LOUREIRO, 1997). Isso sugere que os meios de comunicação de massa em geral, e o Rádio em particular, não estão cumprindo seu papel de auxiliares na formação da consciência ecológica e na construção da cidadania local e planetária. Por que isso estaria ocorrendo? Para respondermos essa pergunta, teremos que fazer uma retrospectiva da história do Rádio no Brasil.

Para Roquette Pinto, considerado o pioneiro da radiodifusão no Brasil, e que colocou para funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 20 de abril de 1923, com o objetivo de “lutar pela cultura dos que vivem em nossa terra”, a principal função do Rádio era educar. Ele acreditava que, se o Rádio fosse utilizado “com vontade, alma e coração, poderia transformar o homem em poucos minutos”.

No caso do Brasil, o Rádio era o meio de comunicação perfeito para a época: ajudava a superar as longas distâncias, chegando a locais remotos e de difícil acesso. Nos treze anos em que dirigiu a Rádio Sociedade, Roquette Pinto enfatizou os programas educativos. A base da programação da emissora eram palestras, cursos e aulas de português, física, geografia, história e higiene, entre outras. Pressionado pela concorrência do Rádio comercial, que ficou mais forte nos anos 30, em 1936 Roquette Pinto doou a Rádio Sociedade ao Ministério da Educação e Cultura, com a condição de que o compromisso da emissora com a educação fosse mantido.

Em 1932, as emissoras foram autorizadas oficialmente a veicular anúncios e o Governo Federal começou a distribuir concessões de canais para particulares. As duas ações resultaram no aparecimento do Rádio comercial. Getúlio Vargas foi quem mais influenciou a história do Rádio na década de 30. Desde que assumiu a presidência, com a revolução de 1930, manteve o Rádio entre as suas áreas de controle direto. No período de governo conhecido como Estado Novo (1937/1945), que começou com um golpe de Estado, Getúlio usou o Rádio para fazer propaganda da sua ideologia política. O Programa “A Voz do Brasil”, na época “Hora do Brasil”, foi criado em 1937, para ser o divulgador oficial do Governo. Nos anos 30, os minutos finais da Hora do Brasil eram culturais, dedicados à transmissão de sucessos da música popular brasileira. Algumas emissoras resistiram ao processo de

transformação do Rádio em canais comerciais e permaneceram com suas programações educativas (Rádio MEC, por exemplo).

Mas, mesmo com suas concessões para Rádio comercial, as emissoras devem atender ao que determina a Constituição Federal quanto ao seu caráter educativo que, no Art. 221, inciso I, determina: A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.

Portanto, é inegável o dever das emissoras de rádio de realizarem programações que contribuam para o desenvolvimento da educação em nosso país. Contudo, isso praticamente não acontece. As rádios produzem programas (com qualidade duvidosa), cujo único objetivo é o da competição no IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa), sem qualquer compromisso com a educação, salvo raríssimas exceções. Apesar de os meios de comunicação poderem ser instrumentos de mudança social, eles raramente o são, pois a mídia ocidental se caracteriza por uma habilidosa propaganda e tem como propósito o de entreter, embalar e vender, não informar e menos ainda questionar o paradigma vigente que reforça os valores da modernidade, cujo estilo de vida foi exatamente o grande detonador da chamada crise ambiental, com amplas consequências para a qualidade de vida da maioria da população.

Mas a omissão do Rádio diante do dever de participar da promoção e difusão da educação encontra convivência no Poder Público (concedente dos canais), que não usa de suas prerrogativas para determinar a inclusão da educação nas programações; e na sociedade, que não cobra das emissoras o cumprimento do caráter educativo dessas programações. E mais: os governos não incluem em seus orçamentos, e quando incluem não cumprem, as dotações para campanhas permanentes de educação não formal na mídia.

Ao abordar o caráter mercantil da mídia, Edwards (BRÜGER, 2004, p.159), alerta-nos para o fato de que a maioria dos meios de comunicação são propriedades de corporações. Em consequência, os programas que promovem negócios são patrocinados por grandes empresas e tendem a prosperar, enquanto os que os arruinam por denunciarem sua voracidade sobre o meio ambiente tendem a sair do ar ou ser marginalizados. Por isso, por mais brilhantes que sejam suas idéias, os ambientalistas encontrarão sérios obstáculos para a comunicação de mensagens que ameaçam o Estado corrupto e não comprometido com as questões ambientais e os negócios ambientalmente fraudulentos.

A importância do rádio

Um fiel escudeiro, cheio de surpresas, uma caixinha que fala que encanta as crianças na mais tenra idade. Certa vez denotamos o espanto de um adolescente quando indagava: “Como pode essa caixinha falar”? Não tem fios e mesmo assim funciona. Era o milagre da tecnologia quando do lançamento do rádio portátil, do rádio a pilha. Algumas crianças chegavam a balbuciar milagre, milagre, milagre. O rádio sempre foi e será um fiel escudeiro do homem. A voz encanta, corta a noite, as madrugadas frias e calorentas, encanta no verão, no

inverno e em todas as estações do ano. Lança ao ar belas melodias, através das ondas curtas, médias e de frequências moduladas.

É de bom alvitre a companhia do rádio, seja grande ou pequeno, ele transmite os grandes espetáculos, as grandes tragédias, e assim vamos aos confins do orbe se inteirando do que acontece. Aproxima os povos, desperta a atenção por línguas diferentes e nos leva a imaginar como será a vida em determinados países. Senhoras e senhores nosso alô, estamos no ar, tudo bem! Uma voz bela e suave soa do outro lado do nosso écran.

“O rádio provoca uma aceleração da informação que também se estende a outros meios. Reduz o mundo a uma aldeia (...). Mas, ao mesmo tempo em que reduz o mundo a dimensões de aldeia, o rádio não efetua a homogeneização dos quarteirões da aldeia. Bem ao contrário”. Ganhar contornos lentamente, popularizar as transmissões essa era a missão inicial do rádio. Embora, a indústria fonográfica já existisse desde o final do século 19. Elba Dias da Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro se tornava musa do rádio. Incentiva cantores nessa fase embrionária, foi nesse período que surgem figuras exponenciais como Francisco Alves e Mário Reis.

Surge então o interesse pela produção de discos e de espetáculos. O popular vai dando lugar ao erudito, a publicidade começa dar o ar da sua graça, fazendo com que o grande Roquette Pinto e Henry Moritze, desse um largo passo para a massificação pela busca incessante de anunciadores. A publicidade surge em 1º. De março de 1932, pelo Decreto nº. 21.11, que estipula o máximo de 10% de veiculação comercial sobre toda programação da emissora. O elenco fixo no rádio surge pelos idos dos anos 30. Surgem os artistas exclusivos, as rádiounovelas, programas humorísticos e programas de auditórios. Surge então à comunicação de massa em 1940, no Estado Novo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, alça o rádio à condição de veículo de massa, conforme o gosto dos ouvintes, sempre na busca excessiva dos grandes comerciais.

A radiodifusão é uma palavra de nossa língua equivalente em inglês a *broadcasting*, cuja sinonímia está relacionada a algo como semear aos quatro ventos. É isso que o rádio faz a emissão de sinais através de ondas eletromagnéticas. Existe diferença entre rádio e radiodifusão? Sim. Rá de radi(o)-1 + difusão, televisão e rádio, Transmissões por meio de ondas radioelétricas, de notícias, programas, etc., destinada à recepção pública. Compreende a radiodifusão sonora (o rádio) e a radiodifusão de sons e imagens (a televisão); emissão e transmissão de som e de imagens por meio de ondas radioelétricas; radiocomunicação. Já o rádio tem aspectos diferenciados, como radiofonia, onde se destacam o radioator e a radiocultura. Pode ser também um meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas.

A radiotelefonia usa a mesma tecnologia, transmissão de voz sem fios e passou a ser utilizada, na forma que se convencionou chamar de rádio. Isso pelos idos de 1916, quando O Russo radicado nos Estados Unidos da América do Norte David Sarnoff anteviu a possibilidade de cada indivíduo possuir em sua casa um aparelho receptor. Com audiência ampla, heterogênea e

anônima sua mensagem é definida por uma média de gosto e tem, quando transmitida, baixo retorno (feedback).

Os estudiosos Rabaça e Barbosa afirmam ainda ser o rádio um veículo de radiodifusão sonora que transmite programas de entretenimento, educação e informação. Música, notícias, discussões, informações de utilidade pública, programas humorísticos, novelas, narrações de acontecimentos esportivos e sociais, entrevistas e cursos são os gêneros básicos dos programas. Serviço prestado mediante concessão do Estado, que considera de interesse nacional, e deve operar dentro de regras preestabelecidas em leis, regulamentos e normas. No rádio a audiência deve se ampla, anônima e heterogênea.

A mensagem definida com base em uma média de gosto, o retorno deve ser baixo, uma vez que a mensagem é emitida e o receptor não tem como responder, imediatamente, em sentido contrário. A recepção é simultânea e os recursos financeiros provêm da venda comercial que delineamos como patrocínio ou publicidade. Com o advento do rádio, surgiram às rádios livre e comunitárias que alteram toda essa realidade aqui exposta, e, mesclando os papéis de emissor e receptor. Os transmissores dessas rádios não são potentes, pois podem interferir no dial de seu receptor causando o conhecido ruído da comunicação e muitas vezes entrando na frequência de outra. A mensagem radiofônica é o objeto da comunicação, nele estão juntos forma e conteúdo. O código pode ser verbal e corporal. Afirma Marcelo Casado d’Azevedo.

Muitos fatores são básicos para um bom desempenho do rádio em si. A capacidade auditiva do receptor, a tecnologia de transmissão e recepção, a fugacidade (Fuga rápida, grande rapidez; grande velocidade; transitoriedade, efemeridade), linguagem radiofônica, tipo de público, formas de recepção (Escuta ambiental, escuta em si, atenção concentrada e escuta por seleção).

Como denotamos nas exposições e explicações nas entrelinhas dessa matéria fazer rádio exige muita responsabilidade e muitas regras devem ser obedecidas e a verdade como a ética deve estar sempre presentes.

O comportamento do profissional de rádio deve ser exemplar, bem como os responsáveis pela programação e os donatários dos meios de comunicação. Ouvir, escutar, prestar atenção e compreender é o básico. A fonte deve ser verbal, visual e audiovisual essas fontes segundo a mexicana Maria Cristina Romo Gil são indispensáveis para retenção pelos sentidos dos ouvintes.

O rádio ainda deve levar o fato no momento em que ocorre e resumido ao mínimo de detalhes. Dentro do rol da radiodifusão deve ser observada a análise qualitativa, o discurso que deve ter clareza e precisão, deve ser conciso, ter propriedades e repertório adequado para suas finalidades. Na linguagem é importante observar a retórica objetiva e subjetiva, estilo, ideologia. Já na audiência deve o profissional estratificar a escala social para onde está direcionada sua programação, visto que a classe de ouvintes vai da classe (A) a classe (E). Classe A é composta de pessoas economicamente independentes. A classe B é a que está em ascensão social(pode ser alta e baixa), classe C é de pequenos funcionários e com educação secundária. Já a classe D engloba aquelas

pessoas que lutam no cotidiano pela sobrevivência e estão em atividades sazonais e a classe E, define o estrato marginalizado do êxodo rural, do desemprego e da falta de política agrária, os sem terra.

O rádio comercial tem um objetivo buscar as classes A, b e C, desprezando as demais. As emissoras educativas deveriam atingir todas as classes sociais, mas na realidade isso não ocorre. Deixa as emissoras livres e comunitárias para atender as classes menos favorecidas.

São indispensáveis numa empresa de radiodifusão os seguintes profissionais: Coordenador de produção, Coordenador de Programação, discotecário, discotecário-programador, produtor-executivo, locutor, supervisor técnico, técnico de manutenção, operador, sonoplasta, técnico de externas, operador de transmissor de rádio. Sem essa valorosa equipe o rádio não funciona bem. Existem as emissoras comerciais que usa outro esquema, emissoras educativas que são sem fins lucrativos e as emissoras comunitárias que surgiram em 20 de fevereiro de 1998, com a Lei nº. 9.612, tornando-as legais.

As emissoras comerciais contam com o esquema de produtos, programação, espaço publicitário, clientes, anunciantes e ouvintes. Tem como direção uma equipe bem delineada como: Além da direção geral tem a gerência de jornalismo; gerência de esportes; gerência de operações; gerência comercial. A Gerência de jornalismo engloba o departamento de notícias, o departamento de produção e programação. A gerência de esportes o departamento de esportes; a gerência de operações está vinculada o departamento técnico e a gerência comercial o departamento comercial.

Olha o veículo, a história e a técnica do rádio são de suma importância, por isso os profissionais de rádio devem ter uma preparação bastante rigorosa, um profissionalismo voltado para o público ouvinte, onde haja respeito mútuo e programação de qualidade. Nos dias atuais será que essas nuances acontecem com frequência no mundo do rádio ou no ciclo dos profissionais de rádio? A programação está voltada para as classes aqui citadas? Existe respeito mútuo? As leis e linguagem são obedecidas. Caso contrário está se desvirtuando o trabalho a que o rádio se propõe, denegrindo a imagem do profissional e dos que fazem a radiodifusão no Estado, no Brasil e quiçá no mundo.

Convém salientar que Luiz Artur Ferraretto um especialista no assunto mostra com todas as nuances, tecnologias, deveres e obrigações como devemos proceder para alcançarmos um rádio de qualidade. Com lucro pela inserção da publicidade e ouvintes cativos pela excelência da programação e distinção dos profissionais que fazem o rádio e a radiodifusão crescerem. Sem ouvintes o rádio seria mais um no universo das comunicações. Uma semente perdida no meio das plantações. Aquilo que fazes é notícia de sua presença. Cada pessoa com a qual entres em contato é uma página do livro que estás escrevendo com a própria vida. Esses ensinamentos só se tornaram reais nos ensinamentos que imantamos nos bancos das academias de cultura, as Universidades e Faculdades.

O rádio é um importante meio de comunicação. Ainda operando com a tecnologia analógica, busca meios para viabilizar a transição para a da tecnologia digital, introduzindo novas ferramentas e, mesmo, adaptando-se a

novos formatos. Tecnologia observada por Santaella (2003, p. 173) como uma revolução com consequências profundas:

Dos anos 90 para cá, estamos assistindo a uma nova revolução que, provavelmente, trará consequências antropológicas e socioculturais muito mais profundas do que foram as da revolução industrial e eletrônica, talvez ainda mais profundas do que foram as da revolução neolítica. Trata-se da revolução digital e da explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunidades virtuais. O futuro nos conhecerá como aquele tempo em que o mundo inteiro foi virando digital.

Ressalta Castells, que estamos diante de um sistema emergente de informação e comunicação, tão representativo quanto a eletricidade para a era industrial. Se a tecnologia da informação é o equivalente histórico do que foi a eletricidade na era industrial, em nossa era poderíamos comparar a Internet com a rede elétrica e o motor elétrico, dado sua capacidade para distribuir o poder da informação por todos os âmbitos da atividade humana (Castells, 2004, p.18)

Dentro deste novo paradigma destacam-se o webrádio e o podcast. Tecnicamente, uma web rádio é um sistema de transmissão de arquivos em tempo real, usando uma rede (a internet) através de pacotes de informações (streaming). Para Castro (2005c, p.7) “o podcasting pode ser entendido como um produto da nova fase da cibercultura, marcada pela mobilidade das tecnologias wireless”.

São sistemas que permitem a integração de áudio, textos e fotos à programação radiofônica. Um novo espaço para experimentar a linguagem radiofônica, com criatividade e interatividade. A era digital está apenas começando. Num curto espaço de aproximadamente quinze anos presenciamos o surgimento de ferramentas simples, mas capazes de transformar o cenário do jornalismo e provocar uma revolução nas formas de consumo e escuta. Sua relevância reflete nas matrizes curriculares dos cursos de comunicação social, pois além de ser um importante meio de comunicação para a sociedade regional e globalizada, também oferece novas frentes de trabalho.

Com o uso de meios de comunicação que consigam atingir o maior número possível de pessoas, que sejam de baixo custo e de fácil acesso, poderemos esperar um maior alcance das propostas educacionais, sejam da Educação Ambiental ou da própria educação formal. O Rádio constitui-se no meio de comunicação que agrega a maior parte desses valores, apresentando-se como um canal de extraordinário potencial no fomento e na disseminação dos princípios e práticas da Educação Ambiental no Brasil.

Segundo dados do Departamento de Outorga de Serviços de Comunicação Eletrônica do Ministério das Comunicações, o Brasil possui mais de 4.000 emissoras de rádio, sendo aproximadamente metade AM e metade FM. É o veículo de comunicação de maior alcance, pois 88,4% da população ouvem rádio pelo menos uma vez por

semana. O Rádio consegue aliar a instantaneidade da notícia a uma relação intimista e cativante com o ouvinte. O Rádio é portátil, de simples manuseio e, justamente por ser menos complexo que a TV, o jornal e a internet, pode garantir informação de qualidade com rapidez, em qualquer lugar desse país continental, sem perder as características de cada região. O ouvinte pode escutar a programação enquanto está fazendo outras coisas: trabalhando, dirigindo, deslocando-se, comendo, tomando banho, praticando alguns tipos de esportes, descansando etc.

O Rádio acorda o Brasil. Ele está presente na maioria dos domicílios brasileiros. É por intermédio das ondas do Rádio que o cidadão traça a jornada de seu dia-a-dia, escolhendo o trajeto para o trabalho, ouvindo a previsão do tempo, e recebendo as notícias, que afinal, vão definir seu estado de espírito. Essas emissões cobrem todo o território nacional. É um universo diversificado que atende a demanda dos ouvintes por informação, notícias, esporte, serviços, lazer, música, entretenimento, e mesmo fé, com vários campos de audiência. É um instrumento que fala para o banqueiro da Avenida Paulista, em São Paulo, para o surfista de Ipanema, no Rio, para o seringueiro das florestas do Acre, para o pecuarista dos pampas, e para o ribeirinho do Araguaia, em Goiás. O Rádio no Brasil é isso: informa, forma, e educa o povo, ou pelo menos é uma potencial ferramenta de educação.

O futuro do Rádio no Brasil vem ganhando uma nova perspectiva, com a meta do Governo Federal de democratizar o instrumento, atuando em várias frentes: a abertura de cerca de duas (2) mil novas estações, com distribuição pelo regime de concessão; o fechamento das emissoras piratas, que operam no país em número incalculável; e, finalmente, a entrada no ar das chamadas Rádios comunitárias que transmitem seus sinais em frequência única num pequeno raio.

Mesmo as famílias mais pobres, em todas as regiões do Brasil, possuem pelo menos um aparelho de rádio em casa, e conta o anedotário popular que um rádio é a primeira coisa que o trabalhador adquire com seu salário. Por estar presente no cotidiano da maioria dos brasileiros, pode ser usado para ajudar o país a superar graves problemas como a falta de informação, o analfabetismo seja ele formal, político ou ambiental. Pode contribuir assim para aumentar as chances das pessoas, melhor informadas, conseguir ser cidadãos mais ativos na construção de uma melhor qualidade de vida. O Rádio pode conscientizar as pessoas de que suas ações locais acabam refletindo na qualidade ambiental, seja localmente ou no planeta como um todo.

A influência do Rádio se torna, pois, considerável, inclusive em termos políticos, não só pelo fato de alcançar milhões de pessoas, penetrando na intimidade de seus lares e de suas emoções, como também através do sentido que Marshall McLuhan explica haver na radiodifusão, a qual, não dando tréguas a seus usuários, impõe-lhes uma mensagem completa. Desse modo, o Rádio se presta admiravelmente às doutrinações, incluindo as de maior importância no sentido de controle social e domínio sobre as massas, ou seja, as de caráter político e religioso, cognominando o Rádio como um tambor tribal, capaz de reaproximar os homens, reduzir os espaços através da palavra sonora, falada. Testemunha ele, além da

roda familiar, os diversos ouvintes isolados, em pontos da cidade ou de uma região ainda maior, compartilhando de uma mesma escuta. Uma experiência como um moderno ritual de socialização e transmissão de cultura.

Uma das propriedades do Rádio é retomar a dimensão temporal da linguagem, distintamente dos livros ou textos escritos: a mensagem radiofônica ou texto falado é matéria viva no presente, produto de um ato de fala que também é processo de construção. De modo sensível, o Rádio codifica mensagens e divulga música e texto, sendo a Palavra Elétrica também Palavra Mágica capaz de levar o ouvinte de volta àquele tempo passado (pois uma consciência primitiva, conectada à mãe natureza, reside em nós): a Palavra emancipa os homens de sua condição terrena, cotidiana e material, transportando-os para uma realidade de seres e entidades fantásticos, que sua imaginação pode conceber. Os efeitos sonoros estimulam o mundo interno do ouvinte, permitindo que cada um imagine como quer: essa é a grandeza do Rádio: não impõe, sugere.

COMUNICANDO EDUCAÇÃO

Apenas as características que estruturam este meio de comunicação barato e de fácil deslocamento, possível à compreensão de todos, gerar informação e entretenimento, não são suficientes para quebrar a barreira escola x tecnologia. A falta de ferramentas pedagógicas como também a falta de habilidades e sensibilidade de muitos professores em identificar formas em que os alunos são mais influenciáveis no aprendizado são elementos chaves contra a união da educação e da tecnologia.

Esta barreira entre escola e novas tecnologias nos faz acreditar cada vez mais que os meios de comunicação deveriam usar a sua influência de transmissores de informação e cultura também para educar e assim, explorar conteúdos de forma criativa e interessante.

O rádio como instrumento didático, propõe a aproximação de professores e alunos de uma nova forma de ensino-aprendizagem. Este meio de comunicação popular e simples pode servir de começo para a introdução de novas tecnologias no espaço escolar, auxiliando principalmente crianças com problemas de aprendizagem.

A forma diferente de levar a mensagem encontra caminhos de chegar ao interesse de crianças que necessitam de formas alternativas para aprender. Assim a utilização do rádio, como forma de revisão, em sala de aula, pode ser um auxílio ao professor, chamando mais a atenção do aluno ao conteúdo proposto e diminuindo, assim, as dificuldades.

A humanidade está vivendo um momento histórico: a introdução das tecnologias de comunicação em velhas práticas educativas. A simples incorporação desses novos elementos não traz a garantia de uma nova educação. Há uma necessidade de integração entre educação e comunicação, de forma que esses meios estejam presentes também como fundamento da nova proposta educativa. Com isso, são constituídos outros valores para a sociedade integrantes de uma nova escola.

O sistema educativo não poderia trabalhar apenas pelo treinamento de um ser humano, mas precisa formar pessoas capacitadas por uma produção responsável. É

assim, que os jovens expostos a uma grande quantidade de sons e imagens, podem evitar a superficialidade sobre os assuntos e garantir a capacidade de raciocinar e de ter espírito crítico. A condução de professores e alunos, considerados sujeitos de um mesmo processo, o de ensinar e aprender necessita da formação de uma consciência crítica em torno das mensagens desses meios.

Os novos recursos serviram apenas para animar uma educação cansada. Hoje as mudanças que estão ocorrendo exigem uma nova postura da escola, preocupada em formar um profissional, capaz de viver plenamente essa civilização da imagem e da informação (PRETTO, 1996, p.103).

A educação se constrói como um centro irradiador de conhecimentos, onde os professores, como afirma Pretto (1996), adquirem novas funções. Função de comunicador, articulador de diversas histórias e fontes de informação. A educação passa a ter um novo papel diante da sociedade da informação, precisa contribuir para a inclusão tecnológica, formando pessoas autônomas, que se constituam sujeitos ante a tecnologia e suas possibilidades, interferindo na tomada de decisões. Esta é uma forma de promover a democratização ao acesso às novas tecnologias. Para Silva,

Embora o Brasil caminhe para um processo de desenvolvimento e autonomia tecnológica, na educação a realidade mostra que o índice de escolas que utilizam, sistematicamente, as novas tecnologias ainda é muito baixo, e a discussão nos currículos escolares e universitários sobre aspectos relacionados à sociedade da informação também não ocorre de forma sistemática, embora seja fundamental para a inserção de professores e alunos nessa realidade. (2003, p.23)

Tecnologias, como o rádio, a televisão e o computador, que não foram desenvolvidas com finalidades educacionais, demonstram, hoje, dentro da escola, uma racionalidade instrumental e técnica, que só vem a melhorar o ensino. Sendo assim, “a escola deve incluir como conteúdo da educação obrigatória alguns aspectos que se refiram ao conhecimento e ao uso das novas tecnologias da informação”, bem como “a capacitação de toda equipe docente, inclusive os gestores de escola” (LITWIN, 1997, p. 84).

Antes de qualquer investimento de tecnologias na educação, deve-se ter a preocupação com a formação do professor diante dessa nova forma de ensino. Essa formação precisa interferir na resistência dos professores em utilizar tecnologia.

A relação professor-aluno, inserida nesta realidade tecnológica, pode estimular as reflexões críticas, contribuindo para uma educação mais consciente. Quanto mais próximo o aluno ficar da realidade, mais forte e viável será o fazer pedagógico.

A Introdução do rádio no espaço escolar

O rádio é o meio de comunicação de massa mais popular, muitas vezes, o único a levar a informação e o entretenimento para populações que não têm acesso a

outros meios. Foi através de características, como a sensoriedade, onde as palavras aliadas aos recursos sonoros conseguem despertar nas pessoas a imaginação, algo essencial na vida, principalmente das crianças, que o rádio foi o meio de comunicação motivador desta pesquisa. Não só a imaginação, mas também a concentração desenvolvida para se entender um meio, em que a imagem não está pronta e precisa ser definida na memória de cada um, através da atenção com a mensagem. Foi a partir dessas características que se propôs o desenvolvimento da pesquisa Rádio Educação.

O rádio foi utilizado como um recurso alternativo na contação de histórias contextualizadas através da realidade social dos alunos, buscando estimular a atenção e o interesse pela leitura. Além disso, o rádio foi levado para a sala de aula por ser um meio simples de produzir, de inserir as crianças no contexto e concentrar a atenção auditiva. Este meio dispõe de diversas alternativas sonoras e atuações dos locutores, sem que se exijam muitas habilidades, tempo para edição e finalização.

Apesar da política de inclusão questionar a eficácia da classe especial para inclusão da criança na escola, e até desejar o desaparecimento dessas classes, ainda existem algumas remanescentes, segundo Furian (2005) que evidenciam diversos problemas: concentram as crianças rotuladas da escola, com relatos de não aprendizagem e fracasso escolar; as crianças permanecem um longo período de tempo sem perspectiva de promoção; percebe-se a ausência de uma proposta pedagógica que proporcione construção de conhecimento, entre outras tantas características típicas de classe especial.

A união da Comunicação e da Educação, nesta pesquisa, pretende mostrar também que pensar educação não deveria ser apenas a tarefa de educadores. Acreditando na existência de uma ligação direta entre educar e comunicar, a pesquisa envolve e une o aprendizado a um meio de comunicação de massa. Tanto o comunicador quanto o educador tem o poder de manipular a opinião do grupo que o escuta, pois o aluno ou o ouvinte acredita nas palavras de quem é considerado apto para ensinar. Estes profissionais devem discernir o certo do errado e serem conscientes e responsáveis na emissão de mensagens.

Tanto as características individuais desde meio que possui grande penetração nos lares, os cuidados e preocupações dos comunicadores em levar a mensagem aos ouvintes, com muita clareza, para o entendimento completo, quanto a certeza da ligação existente e satisfatória da educação com a comunicação, são suficientes para a fácil aceitação de escolas, professores e alunos, em receber o rádio como um recurso metodológico alternativo e eficiente para auxiliar a aprendizagem de crianças com dificuldades.

A rádio-escola como uma proposta de ensino dialógica Uma proposta que vem sendo desenvolvida em várias instituições de ensino escolar e não escolar, em Fortaleza e outras localidades do interior cearense, é a implantação de rádios em circuito interno. Equipamentos simples e de fácil manuseio como microfones; mesa de som; aparelho de som com gravador K7, CD e rádio AM-FM; e um amplificador são suficientes para o funcionamento de rádios nas escolas. Algumas caixas de som espalhas pelo pátio, cantina, refeitório, recepção,

corredores e salas fazem com que o som chegue a todos os espaços desejados.

Mas o que poderia ser um novo ambiente de diálogo para a juventude, muitas vezes não é utilizado em todas suas potencialidades. Com a função de transmitir informes da diretoria ou de animar os intervalos com uma programação meramente musical, essas rádios assumem a função de sistema de som, deixando de lado as possibilidades de participação e representação da juventude, no momento em que se apropriar de um veículo de comunicação.

Mas e quando essas rádios assumem novas funções? Quando a juventude passa a produzir sua própria comunicação? O que acontece? O que muda? E quando a Rádio Escola é instalada em uma instituição educacional? Quais contribuições ela pode trazer para o processo de formação dos jovens que frequentam este espaço? Os meios de comunicação podem abrir nas instituições educativas um novo espaço em que as falas e lutas da juventude sejam representadas, em que educando e educador possam ampliar o diálogo existente entre eles.

Segundo Maria da Glória Gohn, a participação gera uma mudança de atitude e de representação dos sujeitos. Se antes os jovens se reconheciam apenas como alunos em suas escolas, com a rádio-escola podem ser autores de suas histórias. Mas para que sistemas de som em circuito interno possam ser transformados em meios de disseminação de idéias e de transformação é preciso que a juventude se aproprie do processo produção, decodifique os mecanismos de utilização, percebam a dimensão participativa que o meio oferece e se reconheça como grupo capaz de produzir sua própria comunicação.

A participação aqui é encarada como processo de escolha, mas também como um desafio em que fica difícil negar a transformação:

Entendemos a participação como um processo de vivência que imprime a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sociopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova. (GOHN; 2005, p.30)

Para Paulo Freire, quanto mais os educandos conquistem espaços em que podem expressar suas reflexões, mais serão desafiados a continuar expressando e modificando o mundo.

Quando a juventude encontra um ambiente dialógico, em que é possível representar seus sonhos e pensamentos, ela tanto representa como também está construindo sua identidade cultural. A “identidade é ‘metamorfose’ constante, definindo-se de acordo com a aprendizagem e a vivência de novos valores, estilos e condutas” (MATOS; 2004, p.19), mas também é transformada à medida que refletimos e falamos sobre ela. É através da comunicação que os grupos juvenis podem expor suas vivências. Mas, quando produzem seus programas de rádio, por exemplo, além de estarem representando suas identidades, também as estão reconstruindo.

Segundo Stuart Hall (2001), as identidades estão em constante transformação, dialogam com os espaços cotidianos e possuem elementos novos e outros guardados na memória, então, em cada processo vivido pelos sujeitos eles são transformados.

Durante a produção de programas de rádio feitos por adolescentes do projeto Segura essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sócio-cultural da Aprendizagem, que será analisado durante este artigo, uma temática que foi abordada em dois dos 16 programas – produzidos durante o processo de formação por uma das turmas – foi sobre o que deveria mudar na instituição educativa não-escolar em que frequentavam, a Associação Curumins. Nos programas, a questão da merenda, dos brinquedos quebrados, da indisciplina de alguns colegas e também da necessidade de espaços de participação demonstraram o interesse daqueles jovens em participar, em serem ouvidos.

Uma das primeiras técnicas abordadas nas formações em rádio-escola é o rádio-teatro, pelo seu caráter lúdico e pela proximidade com as apresentações de teatro ou esquetes, comum nos grupos de jovens

A idealização de rádio-escola tem como princípios a construção de conhecimentos a partir do contexto e a democratização da comunicação como uma ruptura dos silêncios nas instituições de ensino escolar e não-escolar. Mas a transformação da concepção de ensino precisa passar por todo processo educacional. É necessário construir uma educação dialógica, significativa e baseada no contexto tanto na rádio-escola, como nos outros ambientes de aprendizagem.

A rádio-escola pode potencializar esta transformação, tornar o processo de aprendizagem mais dialógico. A própria produção dos programas exige uma abertura dos educadores e núcleo gestor que será indagado e poderá ser questionado de acordo com a temática escolhida. Como os assuntos que motivam a produção dos programas geralmente são pautados pelo contexto, os problemas dos ambientes educacionais; a relação educador/educando; e sugestões de mudanças nestes ambientes são possíveis temáticas a serem debatidas durante a programação.

Os meios de comunicação nas escolas podem potencializar uma concepção de educação pautada pela construção de um conhecimento problematizado pelo mundo, mas é necessário que educandos e educadores estejam abertos para esta transformação. Uma educação contextualizada e problematizadora vai gerar uma demanda por participação que a instituição de ensino deve estar preparada para acolher.

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE; ANO, p.92).

Os meios de comunicação na escola podem ampliar os espaços de participação da juventude e potencializar um diálogo que torne possível uma aproximação entre a cultura escolar e juvenil. Com experiências como a da rádio-escola a juventude está construindo uma forma de partilha e conquista da sua palavra.

RÁDIO ALTO PIRANHAS: SEMPRE VOLTADA PARA EDUCAÇÃO E O CIVISMO DE SUA POPULAÇÃO SERTANEJA.

A Rádio Alto Piranhas teve suas raízes fincadas sobre os olhares da religião, uma vez que, é inaugurada sobre a administração da Diocese, que nesse período tinha como membros da diretoria Monsenhor Vicente Freitas e Dom Zacarias, representando a Diocese, tendo por isso inicialmente uma programação fortemente religiosa.

Com grade de programação religiosa com que trabalhava, a Rádio Alto Piranhas teve que criar um novo plano tático para que pudesse conseguir despertar a atenção dos ouvintes.

Em um longo período em Cajazeiras, o Rádio era Escola, uma grande escola de comunicação. Trabalhar nas emissoras da cidade nas décadas de 60, 70 e 80 era uma aprendizagem para quem quisesse seguir no jornalismo, porque naquele tempo, todos que saíram de lá, tiveram uma base para se destacarem em alguma das inúmeras áreas da comunicação. Cajazeiras sempre se destacou como uma cidade formadora na área de Comunicação. Teve um celeiro importante de bons profissionais na área, tanto que hoje em dia ela ainda exporta vários deles para os mais variados recantos.

A Rádio Alto Piranhas, surgiram Mestres que fizeram história na terra do Padre Rolim, a exemplo disso podemos citar o saudoso Zeilton Trajano que foi um dos primeiros diretores da Rádio, era considerado um autodidata, um profissional versátil, um homem nascido para a comunicação e acima de tudo o responsável por alavancar a RAP na década de 70, além de ter sido um homem visionário, estava sempre envolvido com projetos culturais da cidade, era literalmente uma pessoa com um grande poder de comunicação e sempre antenado com o mundo, porém muito inquieto, fazendo sempre com que as coisas acontecessem de forma rápida (VILAR, 1997). Outro grande destaque na emissora Alto Piranhas era o Monsenhor Vicente Freitas, Diretor-Geral, que exigia muito em relação ao bom uso da língua Portuguesa aos profissionais da rádio.

Mesmo com um percentual de 27% de residências brasileiras que em 1970 já possuíam aparelhos televisivos, principalmente estando grande parte desses consumidores concentrados no eixo Rio - São Paulo, o rádio ainda era um grande veículo de comunicação em grande parte do país, de acordo com o censo demográfico nacional (1970). Nesse período a televisão ainda não era forte na cidade de Cajazeiras, tornando o veículo do Rádio a sensação de todos que queriam estar bem informados dos acontecimentos da cidade e Região, fazendo com que as rádios sentissem a necessidade de criar um programa com um novo estilo de jornalismo que hoje em dia todo mundo pratica na Paraíba, um programa polêmico, com características de programa aberto com entrevistas sem script apenas com roteiro, fora de um padrão comum para a época.

Nos anos 70 a Rádio Alto Piranhas começa a realizar programas que colocava em pauta os problemas da comunidade, transmitia grandes entrevistas, polemizando temas de interesse social, fazia questionamentos ao poder público, sempre tomava uma postura mais inovadora para o rádio,

A Rádio Alto Piranhas já nasceu com uma característica diferente, pois era uma emissora puramente religiosa, que manteve o formato de sua programação até a metade dos anos 70. Foi justamente nos anos 70 que a Rádio Alto Piranhas, chegou a sua maturidade radiofônica, mostrando uma linha de programação voltada para as características sociais, educativas e interativas da população cajazeirense.. O contrato de Aragão Junior, locutor cearense, que veio dominar toda a área rural com seu alegre programa de forró “Terreiro da Fazenda”, (no ar até os dias de hoje), foi um dos sucessos da RAP.

Outros programas inovadores da época foram: o “Salão de Concerto”, um programa com músicas clássicas, apresentação de Biva Maia – que também apresentava o “Gente, Clube e Notícias”; o “Você faz o Sucesso”, apresentado por Amaury Furtado, que com suas gírias radiofônicas, já se aproximava do que hoje se denomina “Padrão FM”, prendendo totalmente a atenção do público jovem na época.

O estilo da direção da RAP com o bispo D. Zacarias Rolim de Moura, se diferenciava totalmente de outros diretores de emissoras locais. Na RAP a atmosfera era de saudável distensão nas relações entre a direção e seus profissionais. Havia, porém, uma “vigilância discreta” por parte do clero, uma vez que, o momento era de programas “experimentais”, onde o público era o alvo principal. Dessa forma, para fugir dessa “vigilância discreta” os locutores usavam um certo “jogo de cintura”, como conta Josival Pereira:

(...) Eu lembro que na RAP o Monsenhor Vicente Freitas, limitava, ele proibia, ele dizia assim: ‘é proibido falar disso... é proibido se criticar fulano (o prefeito, quando o prefeito acertava) Chico Rolim (ele era Secretario de Educação de Chico Rolim). E o pessoal denunciava, só que com muito jogo de cintura. (...) Eu lembro de uma historia do Projeto Cura, que era para asfaltar a cidade de Cajazeiras, no governo de Chico Rolim, e existia todo um questionamento quanto a esse projeto, que Cajazeiras até hoje paga. (...) E todo mundo dizia isso, esse empréstimo vai endividar Cajazeiras para o resto da vida, isso é ruim.(...) Nonato Guedes, Zeilton era contra. (...) E com jeitinho a tática era assim: Nonato dizia, eu vou colocar gente que fale a favor do Projeto Cura, e começava a botar (...) três dias falando bem do projeto Cura. Monsenhor Vicente Freitas começava a abrir a guarda. Três dias depois de falar a favor eles começavam a colocar pessoas falando contra.

Monsenhor Vicente Freitas era o responsável pelo setor administrativo da RAP, sendo considerado o braço direito do bispo Dom Zacarias. Apesar de ter um perfil ideológico reacionário e até autoritário, usava em dados momentos de posições paternalistas com os funcionários que chamava de “cazuzinhas”. Isso se

comprova quando das situações surgidas por reportagens mais ousadas, de conteúdo de denúncia, era Monsenhor Vicente Freitas, que procurava encontrar alternativas diplomáticas para minimizar os efeitos negativos.

A Rádio Alto Piranhas vai se destacar ainda nos anos 70, pelo surgimento de programas que colocava em pauta os problemas da comunidade – “O Discoteca Dinamite” – que podia denunciar as mazelas da rua, do bairro e até críticas aos políticos locais.

O programa tinha a apresentação de Zeilton Trajano e Júlio Bandeira de Melo, figuras polêmicas na cidade e que levou o programa à audiência certa, levando ao surgimento do “Mini Discoteca Dinamite” apresentado por Iracles Pires¹, no horário das 08h as 11h da manhã, também usando da polêmica, conseguindo boa audiência para o horário.

Zeilton Trajano foi um dos primeiros diretores, “um autodidata por excelência, e de uma versatilidade incrível, um comunicador completo”, segundo Nonato Guedes, que iniciou sua carreira radiofônica na RAP, incentivado por Zeilton.

Um fato acontecido na primeira metade dos anos 70 e colocado no ar no programa Discoteca Dinamite teve uma grande repercussão na cidade, alterando completamente os rumos da investigação policial. O programa revelou em primeira mão, o nome do autor de um crime que abalou a cidade pelo fato da vítima tratar-se de uma criança.

O caso foi batizado de o “crime do balaeiro” e envolvia a figura de um médico da cidade. Até aquele momento, o suspeito do crime era um soldado da polícia militar. Depois da discussão do assunto, feito durante todo programa, ao final da edição Zeilton Trajano disse em tom seco e direto: “Atenção Cajazeiras, Atenção Nordeste. O assassino do balaeiro não foi o soldado Nen, foi o médico Antonio Augusto Araruna. Boa noite!”

Na última fase o “Discoteca Dinamite” muda de nome para “Discagem Direta a Distância”, quando passa a ter uma “censura prévia”, por parte do clero. Coisa que Zeilton e Julio Bandeira conseguia “driblar” com facilidade, quando na maioria das vezes, o texto “aprovado” não ia ao ar. Esse foi um dos motivos que tirou o programa do ar.

Até 1974, a Difusora Rádio Cajazeiras, conseguiu segurar a superioridade, no que diz respeito ao jornalismo, principalmente no seu jornal do meio dia, que tinha apresentação da grande voz do rádio Ferreira Lima.

A RAP, que contara com a presença de Gutemberg Cardoso, Luiz Alves e Otacílio Trajano, vão partir para a realização de grandes entrevistas, polemizando temas de interesse social, de questionamento do poder público, entre outras posturas marcadamente inovadoras para o rádio naquele momento.

Foi assim o surgimento do programa “Olho Vivo”, outro grande marco da radiodifusão na RAP, colocado no ar na segunda metade dos anos 70, com a mesma roupagem da “Discoteca Dinamite”, porém com independência, tinha a frente como produtor e

apresentador o jornalista Gutemberg Cardoso, que negociou o horário responsabilizando-se por tudo que fosse veiculado.

O “Olho Vivo” tinha três horas de duração, tendo o seu início às 13h, horário que inteligentemente foi usado como estratégia, uma vez que nesse horário terminava o “Grande Jornal” da Difusora. Além disso, a televisão passava a entrar no cotidiano das pessoas, principalmente através das novelas noturnas, sendo esse horário do início da tarde apropriado para a edição do programa (quando as pessoas não tinham muito o que fazer). O programa inspirava-se em programas policiais, fazendo cobertura também da política local e regional, da cultura e das artes da cidade. Um fato acontecido no próprio estúdio da RAP e que repercutiu na cidade, dobrando a audiência, foi quando um deputado estadual concedia entrevista, na qual revidava desafetos políticos da cidade, acusando familiares de um deles; - mais uma vez – com rumores sobre roubo de cavalos na região. Em meio a entrevista um dos membros da família atingida pelo deputado desembarcou na emissora de posse de uma espingarda (calibre 12) e, por pouco, não ocorre uma tragédia no estúdio onde se dava a entrevista, matando a todos”. (VILLAR, 1997; p. 69)

Para Gutembergh Cardoso o Olho Vivo foi: “O último grande momento do radiojornalismo da Alto Piranhas. O Olho Vivo desvendava crimes, denunciava violências policiais, enfim, era uma tribuna independente e com uma produção na área de sonoplastia, que fez escola”.

No dia 1 de julho de 2010 a RAP completará 44 anos de existência. Uma emissora nascida sob a égide da Diocese de Cajazeiras, idealizada e registrada por Dom Zacarias Rolim de Moura em 4 de abril de 1959, mas somente, por questões burocráticas, em 1º de julho de 1966, foi inaugurada.

Ao lado de Dom Zacarias constituíram a sociedade limitada, Monsenhor Abdon Pereira e Monsenhor Vicente Freitas. No contrato social celebrado estavam especificados os objetivos da empresa, quais sejam: educar cívica e patrioticamente a população sertaneja.

Ao longo desses quase 44 anos “no ar”, foi intento e desejo dos eu fazem e fizeram esta emissora ter um compromisso com a verdade, de ser porta voz dos que não têm direito a voz e a vez, numa sociedade onde o poder econômico fala mais alto, sem fugir porém a ética jornalística, exercendo o sagrado princípio que toda pessoa tem o direito de liberdade de expressão e este direito compreende a liberdade de opinião e liberdade de receber ou transmitir informações ou idéias, sem sofrer qualquer ingerência, principalmente da autoridade pública e sem considerações de fronteira. No exercício destas liberdades comportam deveres ou responsabilidade que sempre procuramos praticá-las com muito isenção e firmeza.

A história desta emissora se confunde com a história da cidade nos último 40 anos porque sempre esteve na trincheira ao lado do povo defendendo-o e denunciando arbitrariedades contra os mesmos.

Durante o regime militar a emissora foi punida várias vezes e notificada outras tantas, porque não soube

¹ Iracles Blocos Pires foi uma figura de destaque no rádio e no teatro da época, como pessoa irreverente, crítica, independente. Como teatróloga mereceu respeito e admiração por diretores e atores de todo o Estado da Paraíba.

calar sua voz diante das baionetas ensarilhadas dos ditadores de plantão. Em defesa de idéias consideradas corretas, juízes de direito, fecharam-na quase uma dezena de vezes, mesmo sabedores de que não a emissora não estava ferindo a ordem instituída e quando a defesa foi levada a uma outra instância sempre se prolatava sentenças de inocência.

A demonstração de seriedade e compromisso ficam bem estampadas nos enfoques acima aludidos, o que mostra que a Rádio Alto Piranhas sempre esteve preocupada com a isonomia, a imparcialidade e uma programação que chegasse ao ouvinte de maneira sincera e singela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução do homem não se deu de forma singular. Desde a pré-história até a contemporaneidade, o ser humano se preocupa em desenvolver meios para suprir necessidade de comunicação e interação contínua com seus semelhantes. Viver em sociedade é uma necessidade da natureza humana, mas os anseios dos seres humanos vão além do aspecto material; eles são também de ordem espiritual e psicológica. Todo ser humano necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amado, ser respeitado e receber a atenção do próximo.

A relação interpessoal é imprescindível para a sobrevivência humana, seja na escola, no trabalho, em casa, no lazer ou nas compras. O empresário depende dos clientes para manter sua empresa, o professor precisa do aluno para poder lecionar, as indústrias necessitam das pessoas para adquirir sua produção e a mídia, de um público “disposto” a consumir o produto a venda, a informação e o entretenimento. De certa forma, cada fase de evolução do homem contribuiu para seu desenvolvimento mental, espiritual, social, cultural, político, econômico e, sobretudo, humano. Porém, esse avanço também teve pontos negativos.

Muitas pessoas ainda estão voltadas apenas à luta para satisfazer seus interesses e esquecem que fazemos parte de um círculo vicioso, onde nada acontece sem a ajuda do outro, portanto é preciso também pensar nas necessidades do próximo.

Não basta decretarmos e inscrevermos a fraternidade sobre uma bandeira é preciso que ela esteja no coração dos seres humanos, pois bem sabemos que não se muda o coração dos homens com decretos. Essa falta de humanidade muitas vezes colabora para o aumento da exclusão e isolamento do homem, que é privado de ver concretizados seus direitos elementares.

A família pode ser considerada a estrutura do ser humano. A afetividade proporciona alegria, amor, reconhecimento e principalmente valorização própria do homem. Quem não tem família muitas vezes perde o ânimo e acaba se isolando, a inclusão é como uma grande família-sociedade, todos fazem parte.

A educação também tem um importante papel na sociedade, pois ela é a base para o crescimento intelectual, profissional e disciplinar na vida das pessoas. Todos têm direito à educação, independente de cor, raça ou classe social. Portanto, ensinar e aprender é uma missão não muito fácil, mas que se for bem planejada e trabalhada pode ser a esperança para a inclusão de todas as pessoas.

A mídia tem um papel importante na sociedade também, pois trabalha com a informação. O rádio é um instrumento fundamental no processo de inclusão social e formação intelectual dos cidadãos e se destaca porque é um meio de comunicação de massa de fácil acesso. Todas as pessoas podem usufruir desse aparelho que tem como uma das principais características a interatividade. Além do rádio direcionar conteúdo, informação e entretenimento ele não seleciona ouvintes, muito pelo contrário, alcança do rico ao pobre, do profissional formado ao bóia-fria analfabeto, do indivíduo que tem saúde o doente, enfim, ele é a companhia para muitos que se sentem sozinhos e até mesmo excluídos.

Este trabalho monográfico se faz importante pela necessidade de diminuir as diferenças e quebrar a barreira da exclusão, do analfabetismo, onde muitas das pessoas ignoram o processo de aprendizagem como forma de inclusão social e de possibilidades de uma nova ordem social, formada por cidadãos conscientes, críticos, participativos e reflexivos

Espera-se que com este trabalho que outros acadêmicos ou mesmo entidades governamentais e não governamentais possam ampliar esse leque de informações sobre a importância do rádio-escola, como um instrumento de informação, comunicação e educação. Acreditamos pois, ser fundamental que as escolas procurem avivar a idéia de uma programação que venha a interagir com os alunos no cotidiano escolar, bem como, que as emissoras de rádio possam se entregar a idéia de rádio-escolar com um programação voltada para o ensino-aprendizagem que possibilite o ouvinte a enriquecer ainda mais seus conhecimentos. O rádio pode contribuir para isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ANDRÉ, A. Ética e Códigos da Comunicação Social. 4 ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. A Identidade da Juventude nos Jornais Estudantis: análise dos jornais produzidos por adolescentes que participam do projeto Clube do Jornal. Universidade de Fortaleza, 2005.

BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo; BANETON, Rosana. Rádio: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRÜGGER, P. Os Novos Meios de Comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. As tribos de ciberouvintes: música e internet. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom/2005, 2005a, Rio de

- Janeiro. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br>>. Acesso: 20/04/09.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO. Educação Ambiental – Curso Básico a Distância. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2000.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL/1988. TÍTULO VIII, Cap. V, Art. 221, Inciso I.
- CONSUMO SUSTENTÁVEL. Manual de Educação: Consumers International. MMA/IDEC, 2002.
- COSTA, G. & NOLETO P. Manual do Radialista que Cobre Educação. Brasília. Projeto Nordeste: unicef/MEC, 1997.
- CURRIE, Karen L. Meio Ambiente Interdisciplinaridade na Prática. 3 ed. Campinas: Papirus, 2002.
- DEWEY, John; tradução Anísio Teixeira. Experiência e Educação.. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- DIAS, G. F. Educação Ambiental Princípios e Práticas. 9a ed. São Paulo: Gaia, 2004.
- FILHO, FERNANDO VIEIRA MELO, RÁDIO. Disponível em www.mre.gov.br
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografia dos estudos culturais: uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 13a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. Extensão ou comunicação? São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FURIAN, Roberta Ortiz. Classe especial: do encaminhamento à inclusão. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de Passo Fundo, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. 2ed. São Paulo: Edições LOYOLA, 2001.
- _____. O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONG's e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, 6 ed. DP&A, 2001.
- JOSSO, Marie-Christine; tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. Experiência de Vida e Formação.. São Paulo: Cortez, 2004.
- KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In: GOES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de (orgs.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.
- LIMA, G.F.C. Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.
- LITWIN, Edith. Tecnologia educacional: políticas, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P. & CASTRO, R.S. (orgs.) Educação Ambiental: Repensando o Espaço da Cidadania. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LOUREIRO, C.F.B. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em Educação Ambiental". In: LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P. & CASTRO, R.S. (orgs.) Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo, Cortez, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____. La Educación desde de la Comunicación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de Matos (Org.); Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a favor da diversidade. Fortaleza: Ed. UFC, Col. Diálogos Intempestivos, v. 13, 2004.
- MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande, 2001.
- NEGRET, R. Na Trilha do Desenvolvimento Sustentável. Instituto Transdisciplinar de Desenvolvimento Sustentável, 260 p., Alto Paraíso de Goiás, 1994.
- _____. O movimento da cidadania pelas Águas do Rio Paraíba do Sul. Relatório de Pesquisa, Instituto de Pesquisa Databrasil/Ministério do Meio Ambiente, 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- PADILHA, Anna Maria Lunardi. Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial. São Paulo: Plexus, 1997. 94 p.
- PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola com/sem futuro. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- PRIMO, A. F. T. . Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: <

<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>> Acesso: 08/04/09.

PROJETO DE LEI Nº 1.016/2003 – DEPUTADO RENATO CASAGRANDE. Disponível em www.camara.gov.br 16. PROJETO DE LEI Nº 3.930/2004. DEPUTADO CLÓVIS FECURY. Disponível em www.camara.gov.br

PRONEA – Documento em Consulta Nacional. Brasília, MMA/MEC, 2003.

REVISTA FONTE. Convergência no século da mobilidade: a história vem de longe, a revolução ainda está no começo. Edição de nº 03, publicada em dezembro de 2005.

RUSCHEINSKY, A.(org.) Educação Ambiental Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 21

SILVA, Liliana Maria Pierezan Moraes da. Articulando educação e tecnologias: uma experiência coletiva. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2003.

ZEPPONE, R. M. O. Educação Ambiental: Teorias e Práticas Escolares. Araraquara: JM Ed., 1999.